



**RELATO DE PESQUISAS SOBRE QUESTÕES AFROBRASILEIRA POR  
CONTINUAR...**

Selmo Azevedo Apontes<sup>1</sup>

**RESUMO**

Esse artigo objetiva apresentar um breve relato de trabalhos que foram realizados que envolveram especificamente a questão de discussão de algum aspecto linguístico e etnolinguístico abordando a importância da contribuição dos povos bantu para a formação linguístico-cultural brasileira. Serão apresentados breves resumos de quatro trabalhos já apresentados e publicados, a saber: *A riqueza do léxico Bantu na obra “Rei Negro: Um Romance Bárbaro”, de Coelho Neto (2009)*; *“Acomodação de palavras Bantu em Português: algumas consequências morfofonológicas” (2009)*; *Calundu: Calo Duo? Etimologias apressadas ou preconceito? (2010)*; *Bundinzando palavras portuguesas: lenço e rilenzo, lenços e malénzo, um breve olhar sobre a acomodação da prefixação banto em Cannecattim (1805) (2010)*. O apoio teórico para trabalhar com os artigos foi a partir de leituras pessoais e também através da oferta no Campus da Universidade Federal de Rondônia, em Guajará-Mirim, de cursos como: *Tonologia Comparativa das Línguas Bantu (2009)* e *Descrição de uma Língua Africana – Lingala (Bantu) (2013)*, ambos ministrados por Dr. Jacky Maniaky, Museu Real da África Central – MRAC-, Bélgica. Como resultado, espera-se não apenas conhecer as pesquisas sobre questões afrobrasileira, mas também conhecer os pesquisadores sobre a temática. No entanto, muito resta por pesquisar e, principalmente, sistematizar o que foi pesquisado: conectando e deixando-me estruturar pela riqueza imagética, sonora, visual, rememorativa que foi absorvido no vivido.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bantu. Léxico. Acomodação. Congo. Afrobrasileira

**ABSTRACT**

This article aims to present a brief account of works that were carried out that specifically involved the discussion of some linguistic and ethnolinguistic aspect addressing the importance of the contribution of the Bantu peoples to the Brazilian linguistic-cultural formation. Brief summaries of four papers already presented and published will be presented, namely: *A riqueza do léxico Bantu na obra “Rei Negro: Um Romance Bárbaro”, de Coelho Neto (2009)*; *“Acomodação de palavras Bantu em Português: algumas consequências morfofonológicas” (2009)*; *Calundu: Calo Duo? Etimologias apressadas ou preconceito? (2010)*; *Bundinzando palavras portuguesas: lenço e rilenzo, lenços e malénzo, um breve olhar sobre a acomodação da prefixação banto em Cannecattim (1805) (2010)*. The theoretical support to work with the articles was from personal readings and also through the offer at the Federal University of Rondônia Campus, in Guajará-Mirim, courses such as: *Tonologia Comparativa das Línguas Bantu (2009)* e *Descrição de uma Língua Africana – Lingala (Bantu) (2013)*, both taught by Dr. Jacky Maniaky, Royal Museum of Central Africa -

---

<sup>1</sup>Doutor em Linguística, Universidade Federal do Acre. E-mail: [selmoapontes@gmail.com](mailto:selmoapontes@gmail.com)



MRAC-, Belgium. As a result, it is expected not only to know the research on Afro-Brazilian issues, but also to know the researchers on the subject. However, much remains to be researched and, mainly, to systematize what was researched: connecting and letting me structure by the richness of imagery, sound, visual, remembrance that was absorbed in the lived.

**KEY-WORDS:** Bantu. Lexicon. Accommodation. Congo. Afrobrasileira.

## 1 INTRODUÇÃO

Descendo de família ligada à Irmandade do Divino Espírito Santo, do Rio Guaporé, Estado de Rondônia, tradição que é passada e transmitida dentro da família. Essa pertença, faz com que os temas relacionados com as questões afrodescendentes, sejam elas éticas, etnolinguísticas, literárias, culturais (para não entrar em outra ceara), me são muito caras e é difícil manter determinados ‘distanciamentos’ acadêmico-científicos na feitura da pesquisa. Há, sim, muita personalidade, e não consigo deixar o tal o ‘impessoalismo’ científico. Aliás, esse nome, bonito e pomposo, na verdade, revela o quanto que o paradigma científico, que fala a partir de um *topos*, (BOUDIEU, 2007; SOUSA SANTOS, 2010) de um lugar, de uma situação social, tentar construir e fundamentar uma falácia acadêmica da “objetividade” e “impessoalidade” científica. Somos conduzidos por temas e pesquisas que mais nos afetam e nos chamam a atenção, por mais que muitos problemas foram tratados, por muito tempo, como ‘acientíficos’ ou ‘não dignos de serem tratados pela ciência’ (KHUN, 2006). Isso porque a construção de um saber acadêmico era, na verdade, reflexo de saberes feito por um grupo de acadêmicos e que julgava ou normatizava o que devia ser digno ou não de pesquisa científica ou de ser elaborado como um ‘constructo’ científico.

Este meu relato de pesquisas realizadas está formado a partir da personalidade, de um lugar, de uma herança, de vozes que fazem de qualquer monografia uma poligrafia: uma poligrafia da memória situada e pensada sobre a partir desse sítio.

## 2 OBJETIVOS E METODOLOGIA

Assim, esse trabalho objetiva apresentar um breve relato de trabalhos que foram realizados que envolveram especificamente a questão de discussão de algum aspecto



linguístico e etnolinguístico abordando a importância da contribuição dos povos bantu para a formação linguístico-cultural brasileira.

Serão apresentados breves resumos de cinco trabalhos já apresentados e publicados, focalizando os pontos centrais dos textos. Para quem quiser mais detalhes, remeto ao artigo completo do trabalho citado.

O apoio teórico para trabalhar com os artigos foi a partir de leituras pessoais e também através da oferta no Campus da Universidade Federal de Rondônia, em Guajará-Mirim, de cursos como: *Tonologia Comparativa das Línguas Bantu* (2009) e *Descrição de uma Língua Africana – Lingala (Bantu)* (2013), ambos ministrados por Dr. Jacky Maniaky, Museu Real da África Central – MRAC-, Bélgica. Os cursos foram iniciativas para o estudo de vestígios de léxico bantu na região do rio Guaporé, em Rondônia e Mato Grosso, projeto que o Campus da UNIR tinha como objetivo da pós-graduação, em convênio com o MRAC.

Também temos materiais ainda a ser trabalhado a partir da participação e registro em diversas manifestações culturais religiosas: Festas do Divino Espírito Santo (No rio Guaporé e em Guajará-Mirim, em Rondônia), da Congada (em Vila Bela da Santíssima Trindade, Mato Grosso, e Em Contagem e Ibitaré, Minas Gerais), da Festa de São Benedito e da Dança do Chorado (em Vila Bela da Santíssima Trindade, Mato Grosso).. Alguns dos registros já fizeram parte de comunicações, tais como: *Importância da Irmandade do Divino Espírito Santo como fator organizador e agregador das comunidades quilombolas e remanescentes de quilombo*, formada em 1894, em Ilha das Flores, rio Guaporé, em Rondônia; *As festas do Congo, do Divino e de São Benedito, e a dança do Chorado, em Vila Bela da Santíssima Trindade*, próximo das nascentes do rio Guaporé, Mato Grosso (2012). E outra comunicação em que pude fazer uma breve reflexão linguística da Congada foi no trabalho *A congada de Vila Bela do Mato Grosso e a importância linguística da performance musical* (2014).

### **3 TRABALHOS DESENVOLVIDOS**

#### **3.1 A RIQUEZA DO LÉXICO BANTU NA OBRA “REI NEGRO: UM ROMANCE BÁRBARO”, DE COELHO NETO (2009)**

Esse trabalho teve por objetivo ajudar na coleta de dados para a contribuição linguística que os povos bantu (não negamos a contribuição dos outros povos africanos, mas



nos concentraremos nesse grupo linguístico) tiveram na formação do linguajar brasileiro. Para tal, nos determos em Coelho Neto, na obra ‘Rei Negro: romance bárbaro’. Nesse romance ‘bárbaro’, o autor revela-se um grande conhecedor da cultura gestada na senzala e da ambientação da ritualização que foi transplantada e reacomodada nos brasis. Assim sendo, a primeira parte do trabalho visava coletar vocábulos ‘suspeitos’ de fazerem parte do léxico bantu. Depois, pretendia-se comparar com dicionários clássicos do português brasileiro, bem como dos dicionários disponíveis, para atestar - ou não- as lexias como parte da família linguística bantu.

Na obra, coletamos pelo menos 130 lexias que nos chamaram mais a atenção, tais como: ‘ambatucou’, ‘arremangando’, ‘atufalhando’, ‘biraias’, ‘bongando’, ‘burundangas’, ‘buzumuca’, ‘cabilda’, ‘calundú’, ‘cambapés’, ‘candongueira’, ‘cateretê’, ‘catinguda’, ‘cumuá’, ‘cutúba’, ‘emboço’, ‘esmolambado’, ‘gazá’, ‘gira’, ‘incafuada’, ‘intizando’, ‘macambas’, ‘macambira’, ‘malungos’, ‘mangalô’, ‘manipangos’, ‘muafa’, ‘muchique’, ‘muxiba’, ‘sungadas’, ‘urucungos’, ‘zêri’ (e outras). O projeto era para continuar identificando o processo composicional da acomodação lexical bantu no português brasileiro, verificando a forma como os itens lexicais perderam sua estrutura composicional prefixada, com atribuição de classes, e adquiriram a estrutura derivacional e flexional. No entanto, o trabalho não foi continuado.

O material utilizado é da obra ‘Rei Negro: romance bárbaro’. 3ª Edição. Lisboa: Porto Livraria Lello & Irmão – Editores (a primeira edição -1914). Antes de *Rei Negro: romance bárbaro*, Coelho Neto publicou ‘*Banzo*’ (uma coletânea de contos) -1913; e ‘*Quebranto*’ (peça teatral) - 1908. Porém, é em ‘*Rei Negro*’ que Coelho Neto deixa sua contribuição específica e bem trabalhada sobre a riqueza lexical ambientada nas fazendas no período da escravidão. Com uma pesquisa mais profunda, pode-se chegar à comprovação (através de dicionários especializados) de pelo menos parte dos 130 itens lexicais coletados na obra e assim contribuir, mesmo que pouco, para a diminuição dos itens conhecidos como ‘brasileirimos’ ou ‘tupinismos’. Tendo em vista que o léxico é a parte que mais revela a cultura de um povo, conhecer a origem do léxico é conhecer a força cultural que gerou e gera a cultura brasileira, e reconhecer que não foi apenas um mero apêndice.



### 3.2 “ACOMODAÇÃO DE PALAVRAS BANTU EM PORTUGUÊS: ALGUMAS CONSEQUÊNCIAS MORFOFONOLÓGICAS”(2009/2010)

Nesse artigo, realizamos um trabalho de reflexão sobre o modo como se processa as acomodações de palavras bantu em estrutura da língua portuguesa. Muitas vezes taxado de ‘mal-aprendizado’, ou ‘formas depreciativas, corrompidas’ ou “pretoguês” (KEMPF e SILVA, 2009), as acomodações carregam estruturas do substrato linguístico que registram traços fortes, identificados como itens semânticos próximos, ou co-equivalentes sem prejuízo (aparente) das interpretações. Os empréstimos ou as “acomodações” são um terreno fértil para revelar o modo do aprendizado e para a identificação de estratégias de aprendizado, de maximização do fluxo de informação, de reconhecimento da palavra e a adoção da mesma dentro de um sistema linguístico. No trabalho, é lançar um sobrevoos sobre a questão da estrutura silábica pré-nasalizadas em um sistema linguístico Bantu devido ao fato de ser acomodado de estrutura silábica do Português Brasileiro, com pinceladas introdutórias da constituição das 3 línguas da costa atlântica Bantu faladas no Brasil. Aqui trataremos apenas desta última.

As línguas Bantu fazem parte de um grupo de línguas da África. Ainda não existe um levantamento fidedigno da totalidade das línguas Bantu, mas há dados que são em torno de 500 a 600 línguas.

Tendo em vista as possessões portuguesas na África constituírem-se principalmente nas áreas de língua Bantu e Nigero-Congolesas (também chamadas de Benue-Congo), as línguas de base Bantu ajudaram a formatar um novo traçado linguístico, bem como contribuíram fortemente para a formatação de uma “nova” cultura no Brasil, na América Latina e Caribe.

Sabe-se que seus falantes contribuíram fortemente para a formatação da especificidade da língua portuguesa falada no Brasil, o Brasileiro; e para o mosaico das “linguagens” específicas em toda a América Latina e Caribe: do tango, do samba, ao mambo, do conga ao bongo. Por isso, vale a pena fazer um primeiro sobrevoos na questão das “3” línguas faladas pelos povos africanos aqui no Brasil.

Há uma constante propaganda, até em manuais didáticos, sobre as 3 únicas línguas faladas pelos africanos no Brasil: kikongo, umbundo e kimbundu (cf. ANGENOT, BELTRAN e TEIXEIRA, 2009; MATTOS E SILVA, 2004). Isso porque, segundo o histórico



de ‘Sir’ Harry H. Johnston (1919), os portugueses, quando aportaram em Cabo Verde, na ‘boca’ do rio Kongo, na segunda metade do sec. XV, utilizaram duas línguas como meio de instrução e intercomunicação: - kisi-kongu, depois - mbundu (Angola).

Aparecem, então, as primeiras descrições de Piegafettas (1591). Depois, o Kisi-congu foi usado na escrita e na impressão de doutrinas cristãs, a partir de 1624, pelos missionários jesuítas portugueses. Em seguida, o Kimbundo de Angola foi descrito por missionários italianos entre 1642 e 1661. Pedro Dias fez uma descrição do Kimbundo falado no Brasil, que foi publicado em Lisboa em 1697. No entanto, bem antes de Pedro Dias e os missionários italianos, na Argentina o ‘Apóstolo dos negros’, Pe. Diogo Torres Bollo, publica, em 1620, “Arte y vocabulário en la lengua de Angola”.

O Kikongu, Kimbundo e Umbundo foram as primeiras línguas descritas e utilizadas a serviço do governo português. Os missionários aproveitaram o material já impresso e passaram a utiliza-lo em suas negociações. Desde a época do império árabe, a língua de comércio (ou franca) no litoral sudoeste era o Swahili e esta espalhou características nas línguas bantu. O Pe. Jesuita J. Torrend (1893) apresenta um mapa da África com as 3 línguas costeiras. E reprodução de material vai, reprodução vem... ficou “delineado” que os escravos africanos trazidos para o Brasil falavam apenas 3 línguas da família linguística bantu (sobre os portos de embarque, cf. MANOLO, VIEIRA e SILVA, in PRASAD e ANGENOT, 2008)

Faz-se necessário acrescentar as observações de Fr. Bernado Maria de Cannecattini (1804), sobre a importância dessas línguas no contexto da colonização portuguesa no continente africano:

O comércio em Angola exige o conhecimento da língua Bunda; porque, sem elle, não só estão os negociantes sujeitos a serem enganados a cada passo... (IV). “Ainda dentro do reino (de Angola ou dos Abundos) no mais entranhado delle fallão aqueles povos a língua Bunda, como foi certificado por vários Pombeiros, que havião estado naquellas partes fazendo negócios de escravatura, cêra e martim (VII).

Sobre a língua Bunda como Língua Geral e inter-relação com as outras, Cannecattini adverte: “*Huns fallão a língua Bunda, e outros a do Congo*” (VII). “*A língua dos Mah’ungo he mui semelhante á Bunda*” (VIII)... “*Comprehendendo esta huma extensão vastíssima de paízes, e, chamando-se não sem fundamento, Lingua Geral*” (IX).

Quanto à Língua Quicongo (Kikongo), vejamos as palavras de José Lourenço Tavares (1917): “*Asolongo (Mussorongo), nas margens inferiores do rio Zaire – é um dialeto afim do*



*Quicongo. O Quiconco é a língua geral do antigo Congo – tendo por centro a antiga banza kongo dia Ntotila...” (VI)*

A relação entre o Congo e o Zaire era muito forte, segundo Tavares, porque:

... achando-se todos êles, uns com os outros, num grande grau de afinidade muito mais íntimo do que possuem com as demais línguas da infinidade de povos, tribus e famílias que povoam Angola. Pela fôrça das suas analogias, sabendo-se um não é difícil entrar em inteligência dos outros, e mesmo das restantes da província. (VII)

Através desses relatos históricos, podemos perceber que as 3 referidas línguas funcionavam como Línguas Gerais para intercomunicação, dado o alcance das mesmas para penetrar nos mais diversos reinos que tinham uma pertença linguística comum bantu, da costa Atlântica à Índica. Como os registros veiculam informações linguísticas já experimentadas pelos diversos métodos (catequizador, comercial, explorador), os diversos ‘negociantes’ já possuem as informações necessárias para a ‘frutificação’ da empreitada, através do domínio da estratégia linguística.

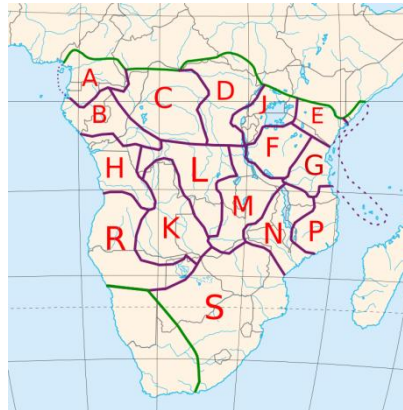
Voltando ao nosso contexto latino-americano e caribenho, as “falas” das comunidades com expressões de ‘africanidad’ se manifestam através de garífunas (Honduras, Nicarágua e Guatemala), palo monte (Cuba), *kamba kwa* (Paraguai), *afroyungueños* (Bolívia). As línguas dos quilombos e palenques eram chamadas de “fala de negro”, “língua de preto”, “fala de Guiné”; em outros contextos eram nominadas de “língua de santo”, “hablas bozal”, “jerga de negros”, “palenqueros”, “paleros, “pretoguês”. E por que não falar da “tercera raíz” – que Norberto Palo Cirio cita ao tratar da questão do “negrismos rioplatense” ou “afroportenho”? Pelo visto, há muitas questões para serem elucidadas sobre essas ‘falas’...

Antes de 1940, os estudos sobre as línguas africanas estudos centraram-se na Alemanha. Depois a Grã-Bretanhã e a Bélgica tomam a iniciativa. Na primeira, os nomes de Glement Doke, A.N. Tucker e Malcom Guthrie, merecem ser mencionados, enquanto que a Bélgica se sobressai com sua equipe dirigida pelo mestre A. E. Meeussen no Museu Real da África Central (MRAC), em Tervuren (MUTOMBO, 2007:33). Daí formatou-se um programa denominado Programa Lolemi, que lançou mão de uma sistematização dos agrupamentos no interior do grupo bantu formalizado na chamada Classificação Lolemi, um retoque na Classificação de Guthrie (MUTOMBO, 2007: 38).

Os estudos foram importantes para a definição em áreas com agrupamento linguístico através de letras, como se vê no mapa a seguir:



**Mapa 1: Localização das 16 zonas bantu**



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%BAnguas\\_bantas](https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%BAnguas_bantas)

A questão da área é importantíssima porque pode se verificar que palavras como *Kalunga*, encontrada na América Latina e Caribe, que está presente nas línguas Chokwe, Ngangela, Lwena, Wambo, Ndonga, Herero, Kwambi; e *Karunga* em Kwangali, Kwambi, Mbandieru, nas zonas K, L, H, R. E a palavra *Zambi* está presente nas áreas A, B, C, H, K, R, D, L, M, J, S (para mais detalhes, cf. ANGENOT, BELTRAN & TEIXEIRA, 2009). Percebe-se que o nome anterior é de posse cultural comum de cultura bantu (claro, com suas ligeiras variações) e não apenas um regionalismo restrito a apenas 3 línguas da costa atlântica.

Nesse trabalho, concluímos que empréstimos são estratégias cognitivas de adaptação de um sistema linguístico. Eles revelam o sistema estrutural de uma língua que tenta não se perder por inteiro, deixando marcas superficiais e sem peso aparente. As palavras das línguas do grupo bantu foram se ‘acomodando’ ao português brasileiro, na qual a interpretação das lexias e expressões é tão ‘perfeita’ que a consciência linguística dos falantes em caso nenhum vai acusar as palavras de serem ‘estrangeiras’ (KEMPF, 2009).

Mas, quando se começa a decantar uma subestrutura, ela passa a revelar uma interação de resignificações, com neutralizações, ressemantização, dando uma nova carga, pactuando e negociando, nesse jogo linguístico, marcas identitárias nem que sejam superficialmente ‘leves’. No nosso caso, a morfofonologia não tratou da perda ou acréscimo de vogais ou consoantes devido à tendência de manter os padrões silábicos preferidos de uma língua. Mas, sim, de ‘como’ se dá a representação e os critérios da configuração do segmento silábico em um contexto de acomodação linguística, isso porque as formas fonológicas passaram pelo





crivo de sistema de classe gramatical que norteia a pertença e a estrutura dos componentes do segmento silábico.

Finalizamos esse trabalho, portanto, com as oportunas palavras de Kempf e Silva (2009):

No Brasil, o levantamento de dados a respeito da contribuição africana à formação dos falares brasileiros deve permitir resgatar a memória social e a história da formação do Brasil, longe das ideologias oficiais e da pretensa unidade linguística da lusofonia baseada exclusivamente na contribuição europeia.

### 3.3 CALUNDU: CALO DUO? ETIMOLOGIAS APRESSADAS OU PRECONCEITO? (2010)

Em *Calundu*, continuamos refletindo sobre o processo de acomodação linguística e a interpretação dos dados linguísticos que passam por um crivo de preconceito marcado e delimitado, dobrando as palavras para se acomodarem em uma outra língua, em outra estrutura, em outra lógica. Nesse caso, apresentamos um fato de como uma palavra estritamente bantu foi dobrada e ressignificada como sendo latina.

Alfredo Bosi (1992), no capítulo inicial da *Dialética da Colonização*, nos dá um belo exemplo, retirado de Nuno Marques Pereira, o *Compêndio narrativo do Peregrino da América*, 1728, sobre a ‘cultura da busca etimológica’ que perdurou no Brasil setecentista, da qual ainda somos vítimas quando encontramos os termos ‘lexias desconhecidas’, ou ‘brasileirismos’. A cultura acadêmica, ocidental por excelência, sempre voltou os olhos para a tipologização greco-latina, desde a majoritariamente porcentagem de lexias oriundas da cultura latina até a base da formalização do sistema ‘acadêmico’. Assim, a maior parte das lexias precedia da cultura latina, senão, forçadas seriam a pertencer à rede vocabular da mesma, ou serem transferidas para ‘lexias controversas’, ‘indigenismo’ ou ‘brasileirismo’. Bossi nos apresenta um belo exemplo do que ocorreu com a palavra *calundu*.

A percepção sobre a riqueza dos diferentes povos na contribuição da formação da língua ‘brasílica’ exige uma séria e respeitosa pesquisa, e divulgação da mesma e termos de presença nos livros didáticos e paradidáticos. Muito fácil é taxar lexias como ‘brasileirismos’. Contudo, isso não explica nada. Apenas demonstra a redoma de poeira embaçando a visão não só da palavra, mas também da característica projetiva de uma suposta homogeneização cultural indistinta, sem origem, frutos de saberes heterogêneos, que constituiu ‘a’ cultura



brasileira. Dentro desse processo, aliado não à lexia, mas à importância na situação da esfera social que o ‘contribuinte’ portador e usuário daquela lexia, é que se deve a ‘catalogação’ das etimologias.

**Calundu ou calo duo?** Sendo o léxico de uma língua o conjunto de vocábulos de um idioma (COUTO, 2007, p. 188), é por meio dele que a língua se expressa e manifesta o conhecimento partilhado na intercomunicação. Graças ao acesso ao referente lexical que fazemos parte de uma mesma comunidade linguística. Porém, o léxico não tem uma vivência isolada no conjunto de saberes partilhado por uma comunidade. Couto (2007, p. 189) lembra Makkai na assertiva de que *“cada palavra [...] está em íntima relação com inúmeras outras palavras, cujas interconexões podem ser representadas como uma gigantesca rede. Esse tipo de rede não tem nenhum começo ou fim lógicos”*. Assim sendo, Makkai (1996:79, in COUTO, 2007, 189) nos brinda dizendo que *“uma palavra é um ponto de ‘conexão’ ativado ou motivado em uma complexíssima rede de relações semânticas, gramático-morfológica e fonético-fonológicas”*. Dessa maneira, a rede de relações que a palavra evoca é complexa, não só do ponto de vista gramatical, mas também de seus ‘campos (ou relações) semântica, que tem ligação direta com as propriedades culturais’.

Segundo Sapir (1979), o léxico é o componente da língua que mais diretamente reflete a cultura da comunidade. Então, o léxico reporta a um grande elo, de fios e emaranhados campos constituidores de saberes, para nominar não apenas a coisa, mas os fatos, os ritos, os momentos significativos representados por apenas um léxico. Como se fosse uma ‘porta de entrada’ às ações culturais.

Couto (2007) também nos lembra as oportunas palavras de Malinowski (1972): *“toda locução só se torna compreensível se interpretarmos pelo seu contexto de situação”*. Se o léxico faz parte de um conjunto de saberes culturais de uma determinada comunidade, nada mais justo que conhecer tal comunidade para poder ‘interpretar’ melhor o que o léxico representa (ou o que ele evoca, suscita...). Essa parte, conhecer a comunidade da qual provém o léxico, foi muito esquecida.

Corroboramos também com a ideia de Addam Makkai (1999:71 in COUTO 2007, p. 99), quando afirma que *“a ideia básica de que a língua não é um conjunto de ‘objetos’, mas uma rede de relações é essencial para a gramática pragmo-ecológica”*. Sendo a língua uma rede de relações, ou uma *“ponte de duas mãos entre a cognição humana e uma variedade de código e desses códigos para a cognição humana”*. Assim, *“o próprio sistema, como estrutura*



que é, é o ponto onde se entrecruzam relações, ou seja, as diversas regras abstraídas dos atos de interação comunicativas, que podem constituir uma gramática” (COUTO, p. 99).

O estudo do léxico nos dá pistas para entender a ‘coinização’, no qual um desaparecimento de traços dialetais muito marcados, em prol do que é relativamente geral no português brasileiro. Essa interpretação de Couto se encaixa muito bem na proposta que discutiremos aqui que é apropriação lexical e a supressão cultural. O léxico, nesse caso, se imbrica a uma territorialidade, a um campo semântico ou a uma relação proxêmica. Segundo Seboek (1969, p. 83 in COUTO 2007, p. 103), “a relação proxêmica É o estudo da percepção diferenciada que o homem tem do espaço e do tempo bem como do uso que faz dele” (SEBEOK, 1969:83, in COUTO: 103).

O léxico, como produção cultural, é resultado da relação do homem com seu espaço, tempo, numa rede de relações partilhadas. Se o conjunto de saberes, manifestados lexicalmente, de uma comunidade que está sendo revisitada para verificar a contribuição na constituição dos saberes, ou rede de relações que se firmou na gramaticalidade do brasileiro, nada mais justo que entender como o processo de exclusão da contribuição foi construído, anuviado, embaçado, suprimido; pois, querendo ou não, somos, ainda, um pouco influenciados por esta construção.

O que se percebe é que os dicionários, nesse caso, parecem testemunha de um percurso semântico em que a lexia foi passando em cada período da história. Os registros dicionarizados caracterizam o ‘momento’ de uso das palavras. Alguns ainda trazem a situação de uso, facilitando a contextualização e a periodização, pois não se tratam apenas de periodização, mas de um ‘espírito’ cultural que movia as observações acerca dos registros lexicais e as falas dos mesmos sujeitos discursivos, inventores, que fizeram uma engenharia linguística, no sentido da *ars*; e, não, um aprendizado de segunda categoria.

O entendimento da estrutura morfológica (morfotática, morfossintática) das palavras do grupo bantu ajudará entender e clarear muitas lexias que adentraram no nosso linguajar brasileiro e que ficaram ‘perdidas’ ou escamoteadas ‘propositalmente’ (devido a um processo de ‘apagamento sistemático’ da contribuição da cultura afro desde o período do escravagismo vergonhoso).

O que nos chama a atenção é o fato de um ‘desconhecimento’ da cultura dos povos africanos, ou se somos ainda gestados academicamente com a herança da supressão da contribuição do *negro* para além do *samba*, para além da *bunda*; e a invisibilização e da



rarefação da diversidade cultural. Um processo de homogeneização *lusu-tupi* (BOSI, 1992, p. 27) era o único processo legal reconhecido como identitário fundante da cultura brasileira.

Assim, o processo de *assenhoramento* colonial tentou apropriar-se também das unidades léxicas e suas referências aos campos semânticos específicos. Assim, de festa, reunião, adivinhação, batuques, furunduns, passou a ser simplesmente, *lundu* – cara amarrada, disinxavida\*, mcoronga\*, triste como um possuído por uma entidade triste, que não ouve mais o som dos tambores, e nem recebe mais o espírito dos ancestrais para animar na caminhada...

O *lundu* tem que recuperar seu sentido de *festa, folgado afro*, para desconstruir a tendenciosa etimologia portuguesa e latina, ao som dos tambores, fazendo uma *milonga* saudando as oferendas ritualizadas em calundu, um pequeno ‘*pratinho*’ de barro, *evocando a magia do rito que fundamenta o canto*. Talvez assim vamos ajudando a desconstruir uma caricatura linguística da importância bantu na constituição do vernacular brasileiro.

#### 3.4 BUNDINZANDO PALAVRAS PORTUGUESAS: LENÇO E RILENZO, LENÇOS E MALÉNZO, UM BREVE OLHAR SOBRE A ACOMODAÇÃO DA PREFIXAÇÃO BANTO EM CANNECATTIM (1805) (2010)

Em **Bundizando**, procuramos discutir alguns aspectos sobre acomodações de palavras portuguesas no sistema bantu, a partir de empréstimo registrado pelo Frei Capuchinho Bernardo Maria de Canne cattim na *Collecção de Observações Grammaticaes sobre a Lingua Bunda, ou Angolense*, (1805), na formação da pluralização através da formalização de modelos de afixação que revela (deixa entrevê, como uma fresta) o sistema subjacente bantu, mostrando que não foram somente as palavras bantu foram abrasileiradas, mas também houve palavras portuguesas que foram ‘bundizadas’.

... uma longa, e triste experiência se certificou, que a ignorância da Lingua Bunda, ou Angolense era hum obstáculo perpétuo não só aos progressos do Christianismo naquella vasta Região, mas tambem aos interesses políticos do Estado.” (Canne cattim, Introdução)...

**Toda língua tem uma sede. O povo que a fala**, pertence a uma raça (ou a certo número de raças), isto é, a um grupo de homens que se destaca de outros grupos por caracteres físicos. Por outro lado, a língua não existe isolada de uma cultura, isto é, de um conjunto socialmente herdado de práticas e crenças que determinam a trama das nossas vidas (SAPIR, 1979: 205).



Entre seus comentários iniciais, o Frei Capuchinho observa que:

com grave embaraço dos Europeos se encontram no Cathecismo, huma multidão de palavras excluidas de uso moderno, ou seja porque os Abundo lhes tem insensivelmente substituído outras também Abundas, ou porque tem adoptado palavras Portuguezas, bundizando-as, e esquecendo pouco a pouco os verdadeiros, e antigos termos da língua Bunda, que se lem no Cathecismo, de que a penas alguns velhos conservão a memória”. (CANNECATTIM, 1804:vi)

Pois bem, a *insensibilidade* das substituições registradas por Canne cattim, que fez com que as palavras portuguesas fossem *bundizadas*, revela as funções sociais atribuídas ao domínio da língua *bunda* como “*obstáculo ao progresso*”. Vejamos outras afirmações de Canne cattim que revela muito bem o ‘espírito’ da época colonial que perdurou por muito tempo nas relações socio-linguísticas:

Sendo esta [língua] entendida, e facilitada em consequência conversação com os Negros, que utilíssimos descobrimentos se não farão de plantas, e raizes medicinaes, de madeiras preciosas, de importantíssimos mineraes, de huma variedade immensa, e desconhecida de animaes, e huma palavra de productos raros, e apreciaveis em todos os três Reinos na Natureza (CANNECATTIM, 1804:i-ii).

A aprendizagem da língua do outro, e esse outro bem identificado e subjugado, tinha uma intenção clara sob o aspecto da ‘coroação’ da exploração: a aprendizagem da língua era a metodologia de formalização das relações de conquista. Assim, deixa bem claro a esta relação quando explicita as práticas que lembram muito bem a tônica do Diretório dos Índios, em 1757:

Como a agricultura em Angola he toda feita pelos Negros, nunca póde dirigillos, nem disciplinallos bem nas úteis práticas da lavoura aquelle que ignora a língua; porque este exercício pede freqüente comunicação entre quem manda, e quem obedece (CANNECATTIM, 1804:ii).

A comunicação entre ‘quem manda e quem obedece’ vai deixar marcas dessa ‘interação linguística’ nas duas línguas. Nesse caso específico, na reflexão de alguns aspectos sobre acomodações de palavras portuguesas no sistema bantu, a partir de empréstimo.

Na *Collecção de Observações Grammaticaes*, principalmente na última parte que trata da feitura do ‘dicionário’, que foi feito em colunas (*Portuguez, Latim, Conguez, Bundo*), Canne cattim diz que:



.. a mesma columna Bunda tem de bom o comprehender muitos termos expressivos, alli conservados como em deposito ha tantos annos, e que dispensavão os Abundos de mendigarem das línguas Estrangeiras os termos que conservão na própria, e que por desmazelo tem deixado em esquecimento... (CANNECATTIM, vii).

Esse “esquecimento” involuntário, ou a “mendigação” de termos que possuem na própria língua, deu-se também pelo fato de não “mendigarem”, mas “incorporarem” termos próprios para apropriarem-se, ou adequarem-se palavras portuguesas para que ‘apareçam’ mais *Bunda*; ou melhor, estavam ‘*bundinzando as palavras portuguesas*’. Por outro lado, as palavras do ex-prefeito das missões de Angola e Congo representam o ‘caldo cultural’ que se praticava nas colônias, entre quem manda e quem obedece e as consequências dessa relação. Poderíamos ir discutindo este tópico, porém, vamos nos enveredando pelo aspecto de algumas consequências desse processo colonial, expresso linguisticamente, por meio de integração de empréstimos. Esse processo de ‘acomodação’ de conceitos bantu nas palavras portuguesas revela um interessante processo de afixação, ou de incorporação morfológica que ‘desestabiliza’ e exige um rearranjo, um realocamento que envolve diversos fatores no momento da integração de empréstimos.

Apenas para ficar mais claro, vejamos o que Cannecattim (p.vi) quis dizer com *bundizar* palavras portuguesas:

**Sexto: com grave embaraço dos Europeos se encontram no Cathecismo, huma multidão de palavras excluidas do uso moderno, ou seja porque os Abundos lhes tem insensivelmente substituido outras tambem Abundas, ou porque tem adoptado palavras Portuguezas, bundizando-as, e esquecendo pouco a pouco os verdadeiros, e antigos termos da lingua Bunda, que se lem no Cathecismo, de que a penas alguns velhos conservão a memoria.**

Essas palavras ‘adotadas’ passaram por ‘acomodação’ de conceitos bantu, porém respeitando a etimologia das palavras Abundas que apresenta padrões em referência à expressão formal, obedecendo uma estruturação própria de composição da categoria de número gramatical.

A nova formação da palavra *rilenzo e malénzu* não representa meramente um processo ‘maquinal’, mas uma espécie de ‘compensação’ pelos recursos que se obliteravam no interior da língua. Há, sim, um rompimento e reforma do padrão, uma remodelação mórfica. Sapir disse que palavra é “o menor trecho de significação plenamente satisfatório em



que a sentença se resolve. Não pode ser seccionado sem perturbação de sentido, ficando sempre em nossas mãos, como fragmentos inúteis, uma ou outra, ou ambas, das partes cindidas” (1979: 44).

É a união de novos morfemas nas ‘palavras portuguesas bundizadas’ que acaba fortalecendo um sentimento de unidade e de ‘pertencimento linguístico’. Rever a forma ‘estranha’ e absorver para bundizar, tornar-se próxima e mais visível e mais audível ao sentimento da língua... “o sentimento que vence o vencedor” ... ainda que pelas beiradas, sungando as palavras, balançando a sambikira, num faceiro só. Essa ‘bundização’ de palavras portuguesas, revelada pelo empréstimo, nos guia na pesquisa do muito que se tem a fazer para revelar a contribuição da influência bantuística na formação do português brasileiro, e sua modalidade que chegou ao Brasil para contribuir com o vernáculo brasileiro.

#### 4 CONCLUSÃO

Por fim, esses relatos revelam uma necessidade de continuar as pesquisas sobre a importância da contribuição bantu no processo de formação da cultura brasileira no seu todo. Claro que cada um vai trabalhar em sua área para poder mostrar a importância dessa africanidade na brasilidade. Em meus trabalhos, procurei mostrar a questão linguística. No entanto, outras pesquisas são necessárias para aprofundar as análises e os materiais das Congadas, Festas do Divino e de São Benedito e a Dança do Chorado, para desvelar e potencializar as falas, as memórias não esquecidas e vividas no corpo, na língua, na ginga, na pele da palavra e na medula da memória corporal.

#### REFERÊNCIAS

ANGENOT, Jean-Pierre, BELTRAN, Luis, TEIXEIRA, Marco Antônio (2009). **Os iberoamericanismos de origem Bantu e as Línguas Bantu**. Atlas do Workshop Internacional sobre procedência poliétnica dos afroiberoamericanos de origem Bantu: evidências etimológicas e históricas. São Paulo: Pedro & João Editores.

APONTES, Selmo Azevedo. Bundinzando as palavras portuguesas: lenço e rilenzo, lenços e malénzo, um breve olhar sobre a acomodação da prefixação banto em Cannecattim (1805). In: **Suplemento da Revista Philologus**, Ano 17, Nº 49, 2011. 84 Atas da V Jornada Nacional de Linguística e Filologia. Pp. 84-97.



APONTES, Azevedo Apontes. A congada de Vila Bela do Mato Grosso e a importância linguística da performance musical. In: KELLER, D; SCARPELLINI, M. **Anais do 3º Simpósio Internacional de Música na Amazônia**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, EDUA, 2014. pp. 82-92

APONTES, Selmo Azevedo. Acomodação de palavras bantu em português: algumas consequências morfo-fonológicas. In: **Revista Philologus**, Ano 16, Nº 46. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2010, Supl. pp. 41-56.

APONTES, Selmo Azevedo. CALUNDU: *CALO DUO?* ETIMOLOGIAS APRESSADAS OU PRECONCEITO. In: **Suplemento da Revista Philologus**, Ano 17, Nº 49, 2011. 98 Atas da V Jornada Nacional de Linguística e Filologia. pp. 98-112.

BOSI, Alfredo (1992). **A Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CANNECATTIM, Frei Bernardo Maria de Canne cattim (1804). **Collecção de Observações Grammaticaes sobre a Língua Bunda, ou Angolense**. Lisboa: Impressão Regia. (p.v), 1804.

CANNECATTINI, Fr. Bernardo Maria de. **Dicionário da Língua Bunda ou Angolensa, explicada na Portugueza e Latina**. Lisboa, 1804.

COUTO, Hildo Honório. **Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente**. Brasília: Thesaurus, 2007.

DIAS, Pedro (1697-2006). **A Arte da Língua de Angola**. Lisboa (Edição fac-similar. Rio de Janeiro. Biblioteca Nacional).

FLORENTINO, M.; VIEIRA, A; SILVA, D. D. da. Comparative aspects of the traffic of Africans to Brazil (18th-19th Centuries). A maior parte do porto de embarque: Costa da Mina, Luanda, Benguela, Cabinda, Moçambique (663). In: PRASAD, Kiran Kamal & ANGENOT, Jean-Pierre (ed.)(2008). **TADIA – The African Diaspora In Asia: exploration on a less known fact. Papers presented at the First International Conference on TADIA in Panaji, Goa, Held During January 2006**. Jana Jagrati Prakashana: Bangalore.

HARRY H. JOHNSTON, J. **A comparative study of the Bantu and Semi-Bantu languages**. Oxford. At the Clarendon Press, 1919.

MUTOMBO, Daniel (2007). **Propuesta de una lingüística africana globalizante y liberadora**. Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2007.

SILVA, Rosa Virgínea Mattos e (2004). **Ensaio para uma socio-história do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial – (Lingua[gem]– 7)





SOUSA SANTOS, B. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política.** 3 ed. São Paulo: Cortez: 2010.

TAVARES: José Lourenço. **Gramática da Língua Congo (Kikongo) – dialeto – Kisolongo).** Angola, 1917.

TORREND, J. **A Comparative Grammar of the South-African Bantu Language.** London, 1893.

**Foto1 – Coroa de prata da Irmandade do Divino Espírito Santo de Vila Bela/MT**



Autoria: Apontes (2012)

**Foto 2 – Honra de carregar a Bandeira do Divino, em 2018, ao lado de minha mãe, Em Guajará-Mirim/RO**



Fonte: Arquivo do Autor (Apontes 2018)